

A UTOPIA ESTÁ MORTA: VIVA A UTOPIA!
(A UTOPIA LATINO-AMERICANA EM *DAIMÓN*, DE ABEL POSSE)

Antônio Roberto Esteves
FCL - UNESP/Assis

Em *Daimón*, romance publicado em 1978, o escritor-diplomata argentino Abel Posse apresenta Lope de Aguirre como protagonista da saga do homem americano em busca de sua identidade. Numa vigília sem fim, entre sonhos e delírios, o velho conquistador rebelde e seu grupo de seguidores vagam sem destino pela história e geografia do continente sul-americano. Tempo e espaço entrecruzam-se como num jogo de cartas (arcãos do tarô abrem cada um dos dez capítulos que compõem o romance). Embaralham-se imagens da conquista, da colonização, da independência e das ditaduras e guerrilhas contemporâneas, num espaço que procura abarcar todo o continente. Desde as áridas caatingas do Nordeste brasileiro até as ermas serranias andinas; desde as entranhas mais profundas da selva amazônica até os gélidos pampas do sul argentino. Manaus, Belém, Buenos Aires, Cartagena de Índias, Rio de Janeiro, Caracas, Lima, Santiago, Cuzco, Quito, Valparaíso, Canudos, Machu Pichu: todas ao mesmo tempo. América: terra onde tudo é "*ansia, jugo, sangre, savia, jadeo, sístole y diástole, alimento y estiércol, en el implacable ciclo de leyes cósmicas que parecen recién establecidas.*" (Posse, 1989:11)

Em tal labirinto, vivos e mortos bailam juntos a dança da vida. Lope de Aguirre, o personagem histórico, conquistador espanhol que se rebelou contra a autoridade do todopoderoso Felipe II no século XVI, ergue-se do mundo dos mortos e transforma-se em personagem literário. Rompendo a temporalidade convencional, tenta encontrar uma identidade possível, debatendo-se entre suas fortes raízes ibéricas e sua longa e intensa vivência americana. Deixa de ser um sujeito individual e transforma-se em sujeito coletivo, incorporando uma infinidade de vozes no decorrer de um longo intervalo de tempo: praticamente toda a história da América colonizada.

Nesse vasto espaço físico, os personagens do romance vagam como se fossem espectros eternos, mudando seu papel de acordo com a mudança temporal. O tempo cíclico substitui o tempo cronológico convencional. A ação do romance abrange acontecimentos, principalmente no Novo Mundo, desde antes do fatídico dia 12 de outubro de 1492, quando as quimeras da Europa e de seus habitantes foram descobertos pelos homens e animais americanos. Às vezes as datas são explícitas. Na maior parte dos casos, entretanto, têm de ser deduzidas a partir dos fatos e personagens históricos a que se referem e se misturam deliberadamente.

A figura de Lope de Aguirre, com suas andanças e aventuras, é um mero fio condutor em *Daimón*, guiando o leitor na vasta rede de intertextualidades que compõe o romance e que têm intenções de mostrar a complexa realidade americana. Esse fio é tênue como nas narrativas orais da tradição popular e através dele pode-se acompanhar um agônico Lope de Aguirre que tenta encontrar sua identidade em cada um dos muitos cacos de um espelho estilhaçado. Tais imagens tão logo se juntam tornam a separar-se como no frenético movimento de um caleidoscópio.

O foco assimila, dessa forma, muitas vozes, anônimas e caladas durante séculos, que levantam-se produzindo uma narrativa fragmentada, resultado da colagem de muitas histórias,

cheias de lacunas que têm como fio condutor a própria história das utopias americanas. Alternam-se com as vozes coletivas, populares, as vozes tradicionais de cronistas, historiadores, romancistas. O discurso é o único elemento apreensível: pode-se considerar *Daimón* uma imensa polifonia sobre a América Latina e sua identidade.

O romance divide-se em duas partes, cada uma delas subdividida em cinco capítulos: "*La epopeya del guerrero*" e "*La vida personal*". Na primeira delas, que refere-se ao período colonial, discute-se o exercício do poder: "*necesaria y callada crueldad*" (Posse, 1989:25), normalmente usado para justificar as matanças e barbaridades da colonização. É uma tentativa de desmistificar o período da conquista. Lope, no entanto, como qualquer americano, não pode negar sua origem européia e tampouco nega a história de exploração que esse período representa. Faz necessário, então, superar o trauma, o que ocorre através do ritual da *ayawasca*.

A busca do amor e da experiência pessoal e mística é empreendida pelo protagonista na segunda parte do romance. "*Desanudarás aquí el nudo de tu cuerpo. Tus músculos y nervios se amansarán. Solo en el amor podrás hacerlo, Lope...*" (Posse, 1989:163), havia-lhe dito, Huamán, o inca, exercendo o papel de guia espiritual, quando chegaram a Machu Pichu, local escolhido para o ritual através do qual ele pretende chegar ao autoconhecimento. A experiência se desenrola durante praticamente duzentos anos – os séculos XIX e XX, de acordo com a contagem européia do tempo –. Ao final, ele pode sentir-se plenamente latino-americano e propõe-se, a partir de então, a lutar contra a destruição da América, afundada na lama do neocolonialismo e de ditaduras brutais.

No entanto, a trajetória do protagonista é também interior e pode ser lida como a jornada arquetípica de um herói guiado pelas cartas do tarô, que introduzem cada um dos dez capítulos, como já se disse. Do caótico mundo formado pelas enigmáticas figuras do baralho alumia-se um caminho entre as sombras. Dessa forma, no primeiro capítulo, sob a proteção de **O Julgamento**, o protagonista renasce para um novo ciclo, tentando, não apenas avaliar de forma consciente sua experiência pessoal, mas também reorganizar o universo histórico e social em que está sendo inserido. A partir daí sucede-se uma série de provas rituais que, superadas gradualmente, culminarão no último capítulo do romance, que tem como arcano protetor **O Sol**, carta cuja simbologia de iluminação é óbvia e que marca, uma vez mais, o fim de uma etapa e o início de outra. Nessa trajetória terá que se defrontar com a responsabilidade de fazer suas próprias escolhas e viver uma transformação radical que representa a destruição aparente de seu universo, abrindo os caminhos interiores que o levarão ao infinito, um impulso que o remeterá sempre para frente, até chegar à perfeição, etapa em que o herói está apto para ingressar no mundo iluminado da experiência direta e do conhecimento puro.

Seguindo-se os passos do velho conquistador/rebelde/peregrino espanhol pela história do subcontinente sul-americano pode-se encontrar a maior parte das utopias que, de uma forma ou de outra, estiveram associadas à história americana. O continente americano sempre teve, primeiro aos olhos dos europeus, mais tarde aos olhos dos próprios americanos, os ingredientes básicos da utopia: um território onde pudesse fundar-se algo totalmente novo e uma história com um passado desconhecido, a ser recuperado, ou um futuro a projetar-se com facilidade. Um verdadeiro laboratório de utopias, a própria história da América é vista, muitas vezes, como um capítulo na história das utopias européias.

Na primeira parte do romance, o narrador desmistifica aquela que talvez tenha sido a utopia mais forte do período colonial: a associação do Novo Mundo com o paraíso. O desenvolvimento das navegações com a posterior expansão do mundo conhecido, ocorrida num momento de transição entre a mentalidade cristã medieval e a mentalidade renascentista mercantil, fez com que os europeus projetassem nas novas terras descobertas uma série de mitos, lendas e fantasias oriundos tanto do universo cristão quanto do universo greco-latino. São lendas e mitos, correntes no imaginário medieval, que acabaram por ser identificados com o Novo Mundo. O próprio Colombo é responsável pela associação da América com o Paraíso a que se referem os textos bíblicos. De forma não tão ingênua como a de Colombo, várias ordens religiosas, movidas pelos ideais de renovação da igreja católica e da fé cristã, sejam aqueles de origem milenaristas, sejam aqueles apregoados pela contra-reforma, principalmente franciscanos e jesuítas, enxergaram nas novas terras a possibilidade de construir a sociedade cristã perfeita, de acordo com as escrituras. Seria o cristianismo primitivo igualitário que revivia o paraíso perdido, enfim. Durante os dois primeiros séculos de colonização, estes religiosos tentaram colocar em prática suas utopias, tentando construir no Novo Mundo aquilo que já não era possível realizar na Europa. Algumas dessas experiências, escritas, ou práticas, ficaram famosas, como a República "Comunista" Cristã dos guaranis, sobre a qual muito se escreveu e da qual aparecem referências no romance de Posse.

No Novo Mundo, o desejo confundia-se com uma realidade exótica e desconhecida e assim, uma série de mitos europeus medievais trazidos por conquistadores e colonizadores, aqui chegando, encontraram solo fértil para desdobrar-se em outros tantos, reforçados, quase sempre, pelos relatos dos habitantes locais. Várias utopias desenvolveram-se, dessa forma, ao longo do período colonial. A própria *Utopia* de Morus nasceu desse contexto histórico favorável. Dois desses paraísos projetados pelos conquistadores em algum lugar desconhecido da selva amazônica são o país das amazonas e o reino de El Dorado. Ambos estão associados à expedição de Lope de Aguirre, no século XVI, e são duramente desmistificados no relato de Abel Posse.

No terceiro capítulo da primeira parte, o grupo de aventureiros guiado por Lope, depois de vagar perdidos por rios amazônicos, chega ao mítico reino das Amazonas. O foco narrativo alterna-se, passando de Lope, com seus seguidores, que representam o ponto de vista cristão ocidental, a Cuñan, a rainha das amazonas, que representa o contraponto dessa forma de pensar. O tema básico apresentado é a relação do homem com seu corpo e com o sexo. Contrapõem-se, a todo tempo, uma concepção matriarcal do universo a uma visão patriarcal desse mesmo universo.

No romance, as mulheres guerreiras, além de apresentar uma sociedade perfeita, sem sofrimentos e plena de prazeres, propõem um novo tipo de sexualidade, bastante diferente daquela trazida pelos colonizadores. No entanto, cegos pela cobiça do ouro e pela culpa cristã, os expedicionários não se adaptam à liberdade total que lhes oferecem as amazonas, em sua vida de perfeito equilíbrio com a natureza. Sexualmente, os resultados são catastróficos: os espanhóis não conseguem fertilizar as mulheres e, presos a uma diferente concepção de tempo, aborrecem-se infinitamente e acabam por fugir desesperados daquele monótono paraíso.

A sociedade sexual sem culpa não podia ser assimilada pelos conquistadores. O capítulo inteiro é uma tentativa carnavalizada de desnudar o sistema moral baseado na culpa sobre o qual está fundamentada a cultura cristã-ocidental. A síntese é clara em algumas frases de bela

poesia como "*su estúpido dios parecía tenerlos agarrados de los genitales*" ou "*Del maravilloso fuego del deseo habían hecho un perro que jadeaba encadenado en el fondo de sus almas*" (Posse,1989:58-59).

Com sua apresentação carnalizada do contato entre os homens de Aguirre e as amazonas, Posse destroça, de uma só vez, duas importantes utopias européias. A primeira, comum no século XVI, de inspiração bíblica mesclada a mitos greco-latinos, idealiza a sociedade perfeita à imagem do paraíso terrestre. A outra, criada a partir, principalmente, das idéias de Freud, recria uma sociedade, igualmente perfeita, onde predomina a liberdade sexual que embalou, e ainda embala, várias gerações de nosso século.

A Imperatriz, o arcano desse capítulo, regente das forças primitivas do ser, simboliza a grande-mãe, em cujo ventre será gerado e transformado o espírito. Ela governa o reino mundano, ligando, no entanto, o céu à terra, o espírito à carne, segundo Nichols (1993:97). Refere-se, - e o reino das Amazonas é uma ilustração didática disso -, ao lado primitivo e instintivo que cada indivíduo traz dentro de si. Porém, "*ela é a portadora da semente da qual brotará, afinal, uma nova percepção transcendental em que o misticismo e a ciência, o espírito e a carne, o exterior e o interior, podem ser experimentados como num mundo só*" (Nichols,1993:101).

A essa força primitiva inconsciente opõe-se uma força repressora consciente, cujo arquétipo é **O Imperador**, o pai da civilização, que rege o capítulo seguinte, quando Lope de Aguirre visita Cartagena de Indias e entra em contato com o século XVIII, século da utopia iluminista. O advento do **Imperador** marca o abandono do reino não-verbal, matriarcal, da **Imperatriz**, com seus ciclos naturais de nascimento, crescimento e decadência. Surge o mundo patriarcal da palavra criativa que inicia o domínio masculino do espírito, do princípio racional sobre a natureza. Os conquistadores abandonam o reino das amazonas, o que significa a derrota da utopia do paraíso natural. A utopia da sociedade hedonista é vencida pela moral das culpas e das taras. O sexo que causa prazer, na visão irônica do narrador, é incapaz de garantir a sobrevivência da espécie e a maior parte dos aventureiros parte do reino das Amazonas sem ali deixar um herdeiro. Seguem em busca de ouro, não levando dali sequer o muiraquitã, o amuleto do amor. Na sociedade capitalista inaugurada pelo século XVIII não há lugar nem para o sexo natural nem para o amor.

Cuñan, a rainha das amazonas, fica triste por não ter podido, sequer, tirar dos visitantes o segredo da pólvora e do ferro, que tanta utilidade poderiam ter em seu reino. A nuvem de tristeza que obscurece seu pensamento, no entanto, tem motivos mais profundos: ela pressente que esses homenzinhos, ferozes guardiães de sua própria infelicidade, acabariam por apossar-se dos grandes rios, dos lagos, dos montes, da selva. O mundo lhes pertenceria exatamente porque não lhes custava nada negar a vida. Novamente a crítica demolidora do narrador recai sobre uma utopia européia bastante comum no século XX, a idealização da vida equilibrada entre homem e natureza, defendida principalmente pelos ecologistas do primeiro mundo, onde esse pretensão equilíbrio já não existe. Trata-se da utopia ecologista que pretende manter a América Latina, principalmente, como uma espécie de viveiro ou santuário daquilo que as sociedades do primeiro mundo já não podem dispor. A vida do homem local, em meio a essa natureza, muitas vezes bastante hostil, pouco importa. Tampouco interessa que esse homem não tenha acesso aos utópicos bens da revolução industrial e do capitalismo global.

O quinto capítulo está dedicado ao **Ás de Ouros**, único arcano menor que aparece no texto. O tema é o ouro, nos dois sentidos, como riqueza material e como elemento síntese da

perfeição. Trata-se do capítulo que encerra a epopéia do guerreiro, abrindo espaço para o início da etapa seguinte, que é a vida pessoal. Trata basicamente das experiências comerciais frustradas, assessoradas pelos judeus Lipzia e Spínola. "*Era evidente que la ciencia comercial era compleja y sus leyes dictadas por los imperios económicos*" (Posse,1989:109). Nele é desmistificado o outro grande reino utópico da América colonial: El Dorado. Desde o princípio, as relações com o Novo Mundo foram marcadas pela ambigüidade: de uma lado a busca desenfreada pelas riquezas materiais, principalmente metais preciosos e mercadorias raras e de outro um ideal místico e religioso, de inspiração tanto judaica como cristã, buscando um lugar no paraíso, a expansão da fé cristã ou um lugar onde criar uma sociedade sem os vícios daquele decadente e exaurido velho mundo. Assim se misturam a busca da Idade de Ouro, o paraíso edênico, da escatologia cristã, e a busca de El Dorado, lugar que por sua perfeição unia não apenas a felicidade plena mas também a abundância do metal precioso. Uma série de mitos e lendas, tanto de origem greco-latinas, como o velocino de ouro, conquistado pelos argonautas de Jasão, como também cristão-medievais, como o cálice do Santo Graal, ajudaram a plasmar essa utopia. Criaram-se, dessa forma, uma série de reinos perdidos nos confins da geografia americana, onde brilhavam ao longe os telhados dos palácios de ouro.

O último deles talvez tenha sido o El Dorado, do lago de Paititi, localizado em algum ponto do interior da Amazônia. O senhor desse reino vestia-se com fina capa de ouro em pó, esparzido sobre o corpo azeitado, que lavava todas as manhãs nas águas do lago. Inúmeras expedições perderam-se na selva em busca de tal reino, durante séculos, entre elas a expedição da qual participou Lope de Aguirre. Este mito que acabou sendo derrotado pela história, ainda hoje, no entanto, é capaz de reavivar a utopia da riqueza fácil. Uma de suas manifestações recentes deu-se por ocasião do descobrimento das jazidas auríferas de Serra Pelada, no interior da Amazônia paraense, há alguns anos.

Ao encontrar o El Dorado, depois de uma extenuante viagem, Aguirre compreende que o ouro é inútil, pois as areias auríferas impedem o crescimento de vegetais e a sobrevivência de muitos seres. Já tinha sido avisado pela rainha das Amazonas anteriormente: "*¡Es un país tan infeliz! El arenal de oro sólo sirve para criar escorpiones y migalas. No hay Yuca, ni camote ni ananaes! El señor de Paytiti es muy desdichado...*" (Posse,1989:69). Só nesse momento, no entanto, ele pôde entender o que ela, que via a realidade por outro prisma, lhe dizia.

Após passar algum tempo acariciando o ouro e fazendo planos mirabolantes para o futuro, os homens da expedição acabam aborrecendo-se profundamente. Inesperada, a solução para o impasse vem de fora: emissários do *Novo Inca Refundador do Império*, Tupac Amaru, pedem a Lope que ele não toque naquele ouro para não correr o risco de que fosse parar nas mãos das autoridades espanholas. Toma Aguirre, então, a decisão mais difícil de sua vida: abandona todo aquele ouro e coloca seus subordinados à disposição de Tupac Amaru. Nova utopia superada: a riqueza capitalista que sucumbe ante os ideais revolucionários. Historicamente é a partir do século XVIII que a América, que até então tinha sido cenário fértil para a utopia de outros, começa a projetar suas próprias utopias.

Lope sente-se, então, preparado para seguir sozinho seu caminho. Conscientiza-se de que sua batalha, para poder ser vitoriosa, terá que travar-se dentro do fantástico universo americano e, principalmente, dentro de si mesmo. A introdução de Tupac Amaru na narrativa nesse ponto é bastante significativa. Marca o fim da presença das utopias européias projetadas para a América Latina e o início das utopias de origem americana, defendidas pelo narrador

como o único caminho possível para o continente. Mesmo a negação do iluminismo e dos ideais da revolução francesa por parte de Lope, significam a busca de outros caminhos. Introduce-se, então, uma das chaves para a leitura do romance. A solução proposta pelo narrador é uma solução local, baseada nas primitivas culturas americanas. Para a busca de seu caminho interior, Lope vai usar um ritual americano ancestral: a *ayawaska*. Toda a segunda parte do romance concentra-se no processo de americanização de Lope, principalmente a partir de sua estada em Machu Pichu, no início do século XIX, no mesmo período em que as novas nações tentam fixar sua identidade, a partir dos ideais da Revolução Francesa e do Romantismo europeu.

O ideal utópico adotado pelo narrador, no entanto, está assentado nas culturas andinas. Além do aprendizado de Lope ocorrer em Machu Pichu, cidade emblemática da cultura incaica, o guia do processo é Huamán, uma espécie de *alter ego* do escritor andino Felipe Guamán Poma de Ayala, cronista do incário. Machu Pichu é um importante centro religioso e mágico do antigo império incaico. Metade céu, metade terra, essa cidade, ao mesmo tempo real e utópica, é um dos poucos lugares onde se juntam em cópula harmônica dois mundos paralelos, espaço onde o futuro e o passado ocupam seu devido lugar e juntam-se, sem pretensões excludentes, na meseta do presente. Localizada nas alturas da cordilheira andina, perto de Cuzco, manteve-se escondida dos brancos até cerca de um século atrás. Além de núcleo energético privilegiado, acabou por transformar-se em símbolo da resistência calada da cultura andina frente à europeia. Segundo lhe informa Guamán, encarregado de guiá-lo até ali, representa a Universidade Cósmica, o Universo, o Tawantinsuyo, as quatro partes do Incário. “*Une la tierra y el cielo. El cuerpo y el espíritu. la noche y el día. Trama la increíble alianza de los muertos con los vivos*”. (Posse, 1989:149).

A realização do amor, por Lope, em Machu Pichu, mais que simbolizar a fusão das duas culturas, com predominância da indígena, mostra a adoção dessa última por sua parte. De agora em diante ele será definitivamente americano. Ao vencer a barreira do amor individual e do desejo, está preparado para o passo seguinte: a fusão completa com a natureza e a busca da essência do ser humano, obtida através do ritual da *ayawasca*, também levado a cabo em Machu Pichu. Quem oficia de guru, uma vez mais, é Huamán. Tudo se realiza de forma gradativa: primeiro o chá de folhas de coca, depois o bolo de folhas, colocado, na bochecha, para mascar. Rompem-se as primeiras barreiras. Mais tarde o chá de *ayawasca* permite que ele nasça novamente e finalmente penetre na região de "O Aberto", essa região desistorizada, sem tempo, com o reencontro da naturalidade, onde ele une-se “*a la materia del día como la raíz a la tierra*” (Posse, 1989: 214)

É bastante significativa a escolha desses dois tópicos da cultura incaica por parte do narrador: Machu Pichu y Guamán Poma, ambos desconhecidos até cerca de cem anos atrás. A utopia andina, no entanto, explicita-se através do mito do Inkarrí: a superação do período de sol negro com o regresso do Inca para reconstruir um mundo novo. Não se sabe exatamente quando surgiu o mito que dá origem a essa utopia. Parece existir, no entanto, em forma oral desde poucos anos depois do assassinato do último Inca pelos espanhóis. O relato conta que, tendo sido o Inca decapitado pelos espanhóis (as versões variam: algumas apresentam Atahualpa como o inca decapitado, mudando a verdade histórica; outras o apresentam como o primeiro Tupac Amaru, decapitado em 1572), sua cabeça foi enterrada separada do corpo. Este, embaixo da terra, vai-se reconstituindo para poder regressar e recriar o Império. O mito, que também retoma Manco Capac, considerado como o primeiro Inca pela cosmogonia

andina, num processo híbrido, recebeu também elementos messiânicos e milenaristas da tradição européia, transformando-se depois em utopia que promete restaurar a sociedade incaica, quase sempre idealizada como uma sociedade perfeita e justa. Ao longo da história do Peru há uma vasta série de rebeliões indígenas contra o domínio dos espanhóis, das quais a mais conhecida talvez seja a de Tupac Amaru II, de 1780, a que se refere Posse, no episódio de El Dorado. A civilização incaica, conquistada pelos espanhóis apenas quinze anos depois da publicação da *Utopia* de Morus, tem sido considerada, desde então, como paradigma de sociedade organizada de forma igualitária, e retomada por várias gerações de socialistas utópicos.

No caso de *Daimón*, não é o Inca que retorna, o próprio Lope vem em seu lugar. Essa identificação pode ser feita a partir do ritual levado a cabo em Machu Pichu, durante a segunda parte do romance. Ao levantar-se do mundo dos mortos - e historicamente Lope não teve tumba, depois de morto foi decapitado e esquartejado, tendo cada parte de seu corpo levada para uma região diferente, para que seu exemplo não fora seguido -, como no mito andino o corpo e a cabeça do célebre rebelde juntam-se outra vez e ele pode, então, depois de vagar pela obscura selva do período colonial, depois de passar pelo aprendizado andino, sair pelo continente, disposto a construir a nova utopia da América Latina.

Importante apoio para essa leitura é um episódio do penúltimo capítulo do romance. Trata-se de uma monumental reunião, uma espécie de congresso de vencidos, oprimidos e excluídos da história oficial da América, que ocorre em Chachapoyas, na Amazônia peruana, e que também conta com a presença de Lope, agora já perfeitamente americano. A data de abertura é, significativamente, 27 de outubro, data da morte histórica de Lope de Aguirre. Ao evento comparecem as figuras mais importantes associadas às utopias americanas, além de espécimes extintos ou em via de extinção da fauna latino-americana. O representante brasileiro mais ilustre é Antônio Conselheiro, criador da utopia de Canudos, “*con sus largas crenchas de visionario y su delantal azul de santo itinerante*” (Posse, 1989:235). O encontro, além da tradicional série de lamentações dos vencidos, despojados ou desprezados, faz o julgamento de ilustres figuras do continente: Getúlio Vargas, por exemplo, é julgado ao lado de Perón. Por não concordar com o que chama de *retórica da ruína* que domina o evento, Lope acaba por abandoná-lo para seguir seu próprio caminho.

A *retórica da ruína*, com a qual não concorda, refere-se ao que as civilizações indígenas chamam de *período do sol negro*, que teria iniciado com a chegada dos europeus à América e que, segundo a utopia Inkari, terminaria com o retorno do Inca. Lope abandona o evento, significativamente, numa manhã, com os primeiros raios de sol. Deixa para trás os antropólogos e os mortos. O capítulo seguinte, que é o último do romance, significativamente, tem **O Sol**, como carta do tarô que o abre: a eterna força do amor, da vida. Dispensável discutir a simbologia do sol. Basta dizer que era um dos elementos mais importantes na cosmogonia incaica e que está associado à figura do Inca.

Uma vez mais o mito do Inkari: depois de vagar sem destino pelo continente, Lope presencia outro sangrento golpe militar e sofre, uma vez mais, tortura. Então, “*movido por la nostalgia y la admiración de la ciudad*”, regressa a Cuzco, o umbigo do mundo, antiga capital do império dos Incas. Ali reencontra la Mora, amor antigo, variante da amada, que faz parte de um movimento guerrilheiro. Revive, uma vez mais, o amor no lago Titikaka, outro local

sagrado da cosmogonia incaica e, rejuvenescido, resolve engajar-se na luta para salvar o que resta da América.

O romance termina bruscamente, de forma ambígua mas simbólica. Lope, agora reencarnando a utopia do bom revolucionário, encontra a morte ao engasgar-se com o osso da sorte de um pato, durante um alegre jantar com a amada. Não há certeza, no entanto, sobre sua morte. Seu fiel ajudante, Nicéforo Méndez, por exemplo, jura que vai encontrá-lo em qualquer esquina para seguir suas aventuras. Pela simbologia presente em toda a narrativa, sua morte deve ler-se também de forma simbólica e ele deve renascer em forma de daimon ou anjo para manter viva a chama da luta revolucionária. Luta que pretende construir a utopia latino-americana, não mais seguindo os manuais de Che Guevara, referido nesse episódio, ou do socialismo europeu mal aclimatado no continente americano, defendida pelos partidos comunistas ou socialistas, ou do trotskristianismo, mas de forma bastante autóctone, quer dizer, híbrida, tendo, no entanto, como base maior a realidade pré-colombiana.

Morto, Aguirre renasce e seu renascimento, pleno e livre, simboliza o surgimento de uma América nova, também plena e livre. Utópica. É o resultado da tensão entre a visão esperançada de sua idealidade futura, plena de possibilidades, com o presente obscuro, pleno de desigualdades, injustiças e frustrações. Encerra-se um ciclo e principia-se outro, continuando a girar a roda da história. Essa visão cíclica da história, utópica, onde tudo se repete mas, ao mesmo tempo, pode ser imprevisível, fazendo com que os acontecimentos mais absurdos e inesperados possam acontecer, é a marca comum de um novo tipo de romance histórico que se prolifera pela literatura latino-americana - nela também incluída a brasileira - das últimas décadas. Vários estudiosos do assunto como o professor Seymour Menton (1993), entre outros, convencionaram chamá-lo de Novo Romance Histórico Latino-americano. Tais romances também poderiam ser enquadrados na poética da Pós-Modernidade, de acordo com pensadores de outras linhas teóricas, entre os quais Linda Hutcheon (1991). Entretanto, se uma das marcas da poética da Pós-Modernidade vigente no primeiro mundo é a negação de qualquer visão utópica, transmitindo quase que exclusivamente destruição e desesperança, o Novo Romance Histórico de Abel Posse, abre ao homem latino-americano a possibilidade da criação de novas utopias que substituam àquelas utopias decrépitas do primeiro mundo. A utopia da terceira via mantém viva a América latina e renova sua escritura. A transformação do passado incaico em uma imagem utópica, no romance de Posse, constrói-se com a resolução simbólica de todos os conflitos e contradições dessa sociedade, legitimando-se através da narrativa. Nesse sentido Posse não traz nenhuma inovação já que, de acordo com Ainsa (1992:24), a narrativa latino-americana pode ser lida como uma constante busca da utopia.

Só o homem pode reestabelecer a ordem primitiva que ele mesmo violou, daí a necessidade de nova intervenção sua, dessa vez através da utopia. Por ela pode-se recuperar a paz e a harmonia perdidas e assegurar uma intervenção profunda e radical no mundo e na história. Essencialmente organizativo, o projeto utópico, permite ao homem poder fazer tudo, e principalmente organizar uma nova realidade, ou, quando menos, fazer uma releitura crítica da história.

Falando a jovens estudantes na Universidad de la Plata, em 1922, o dominicano radicado na Argentina, Pedro Henríquez Ureña (1978:6/7), um dos grandes intelectuais latino-americanos deste século, dizia que quando o homem descobre que pode ser individualmente melhor do que é, e pode socialmente viver melhor do que vive, não descansará enquanto não descobrir o segredo dessa melhoria. Para ele, a utopia é o motor da história e no caso da

América latina, onde o caos e o desconcerto predominam, só sua luz pode indicar o caminho da esperança aos espíritos cansados. Deve-se devolver à utopia suas características plenamente humanas e impulsionar as reformas sociais e econômicas para além de suas metas imediatas, realizando uma emancipação econômica de acordo com a liberdade perfeita do homem, tanto no plano individual como no plano social. A utopia segundo Henríquez Ureña, além de representar uma forma de oposição à realidade carcomida e corrupta, deve ter uma função crítica, cumprindo, por isso, a tarefa de desmascaramento da realidade.

Como pode-se constatar facilmente, desde então, a realidade latino-americana pouco mudou e o ideal de sociedade reivindicado pelo pensador dominicano é o mesmo defendido pelo personagem do romance do escritor argentino que acabamos de analisar. Ao traçar uma gênese do discurso utópico americano, o já citado Fernando Aínsa (1992:23) afirma que no marco dos sucessivos modelos ideológicos, políticos ou simplesmente estéticos, a função utópica tem acompanhado a história da América latina como seu contraponto dialético, dando a medida da tensão existente entre o ser da realidade e o dever ser a que ela aspira, até o ponto de que a própria identidade latino-americana define-se a partir das antinomias criadas por essa tensão. A gênese do discurso utópico latino-americano começou na própria empresa do descobrimento e da colonização, em cujo seio já se ofereciam alternativas e se instaurou um diálogo e uma polêmica que perduram até os dias atuais. O livro de Abel Posse, ao navegar pela história da América e de suas utopia, é um exemplo disso.

Para finalizar pode-se afirmar, com Aínsa (1992:27), que, ao contrário do que parece, há um contexto internacional favorável que se superpõe ao já cantado e decantado fim da utopia. Parece que a arquiannunciada morte do gênero fundado por Thomas Morus, em 1516, traz, como acontece com o personagem de Abel Posse, sua próxima ressurreição, ao menos no que toca à América latina, com a abertura de uma imensa janela pela qual, como gostava de afirmar Ernst Bloch, começa a vislumbrar-se uma bela paisagem por entre as brumas do que ainda não é.

BIBLIOGRAFIA

- AINSA, F. *De la Edad de Oro a El Dorado: Génesis del Discurso Utópico Americano*. México: Fondo de Cultura Económica, 1992.
- ARAGÃO, M. L. P. & BOM MEIHY, J. C. S. (Orgs.) *América: Ficção e Utopias*. Rio de Janeiro: Expressão e Cultura; São Paulo: EDUSP, 1994.
- GARCÍA CANCLINI, N. *Culturas Híbridas*. Trad. Ana R. Lessa e Heloísa P. Cintrão. 2.ed., São Paulo, EDUSP, 1998.
- GARCÍA PINTO, M.. "Entrevista com Abel Posse". *Revista Iberoamericana*. (146-147):493-508, 1989.
- HENRÍQUEZ UREÑA, P. *La Utopía de América*. Caracas: Biblioteca Ayacucho, 1978.
- HUTCHEON, L.. *Poética do Pós-Modernismo*. Trad. Ricardo Cruz, Rio de Janeiro:Imago,1991.

- MENTON, S.. *La Nueva Novela Histórica de la América Latina, 1979-1992*. México: FCE, 1993.
- NICHOLS, S.. *Jung e o Tarô: uma jornada arquetípica*. Trad. Octávio M. Cajado, 6.ed., São Paulo: Cultrix, 1993.
- PERRONE, A M.. "Abel Posse: La Argentina es como un barrio latinoamericano". Buenos Aires: *Sur*, 02/02/1990, p.2/3.
- POSSE, A. *Daimón*. Buenos Aires: Emecé, 1989.
- REIS, L. F..(Coord.) *Fronteiras do literário*. Niterói: EDUFF, 1997.
- VARGAS LLOSA, M.. *La utopía arcaica. José María Arguedas y las ficciones del indigenismo*. México: FCE, 1996.